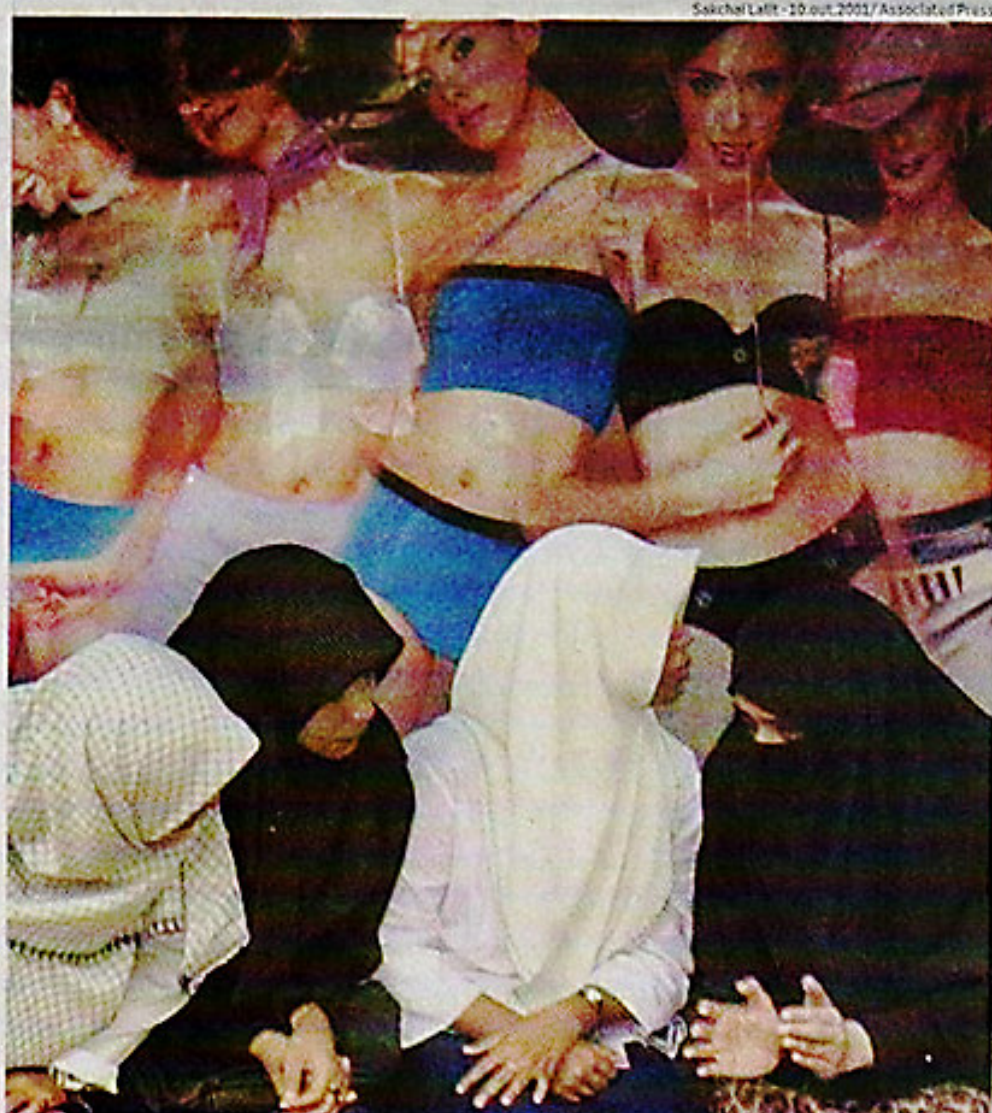




LIVROS

# Atiq Rahimi revela uma 'outra afegã'

Convidado da Flip, escritor diz como deu voz à sexualidade reprimida das mulheres de seu país, em livro que sairá aqui



Muçulmanas esperam em ponto de ônibus, em protesto contra ataque dos EUA ao Afeganistão

'Pedra-de-Paciência' deu a afegão Atiq Rahimi o Prêmio Goncourt 2008; autor diz que escrever em francês o ajudou a livrar-se de tabus

EDUARDO SIMÕES  
DA REPORTAGEM LOCAL

Quando as tropas americanas e inglesas entraram no Afeganistão, em 2001, uma das prioridades alegadas pelos governos dos dois países era libertar as mulheres da opressão talebã, fosse na forma da burca ou da prisão domiciliar. Quatro anos depois, a poeta afegã Nadia Anjuman, 25, morreu após ser espancada pelo marido.

A história de Nadia, e de tantas outras mulheres afegãs, foi ponto de partida do escritor afegão Atiq Rahimi, 46, radicado desde 1985 na França, para escrever "Syngué Sabour: Pedra-de-Paciência", romance vencedor do Prêmio Goncourt 2008, que a editora Estação Liberdade lança em 5 de junho.

Convidado da 7ª Flip, que acontece em julho, Rahimi conta à **Folha** que esteve no Afeganistão após a morte de Nadia para saber detalhes da sua família, que se recusou a falar com ele. O escritor foi então à prisão onde estava o marido, que acabara de tentar o suicídio e estava em coma.

"Quando eu o vi deitado, pensei: 'se eu fosse uma mu-

lher, me sentaria ao lado dele, para falar de tudo", diz o autor. "Quis entrar na pele deste homem, que estava paralisado, que não podia fazer nada, mas que escutava tudo. Quis saber o que passaria na sua cabeça de um homem assim, caso sua mulher falasse de suas frustrações, seus desejos etc."

A realidade, Rahimi emprestou o mito afegão da pedra-de-paciência do título, uma pedra mágica que abriga os lamentos de quem a ela se confia, até que um dia explode, libertando a pessoa de seus sofrimentos. No romance, tal pedra é um homem ferido na guerra, em estado vegetativo, que recebe os cuidados da mulher. Num crescendo, ela desfia o rosário de sua vida. Rahimi diz que, com a personagem, quis dar outra imagem à mulher afegã.

"[A afegã] é normalmente apresentada como uma mulher reprimida, sem caráter, personalidade, história pessoal etc. Eu mostro que essa mulher é como todas as mulheres do mundo, que tem desejos, frustrações e segredos. É preciso apenas dar-lhes a voz."

**Tabus**

"Nunca tinha tocado em você assim", diz a personagem de Rahimi, após colocar uma mão dentro da calça do homem, e a outra, entre as próprias coxas. A representação da sexualidade feminina, diz Rahimi, só foi

possível porque ele decidiu escrever, pela primeira vez, diretamente em francês:

"A língua materna, seja persa, inglês ou português do Brasil, ela impõe seus tabus, seus limites. Uma outra língua, adotada, lhe dá uma certa liberdade. Com o francês, eu me desvinculei dos tabus, como a minha própria relação com a sexualidade da mulher", afirma.

**Afeganistão**

Dedicado à memória de Nadia Anjuman, "Syngué Sabour" se passa "em algum lugar do Afeganistão ou alhures", segundo indicação do próprio Rahimi, que divide seu tempo entre Paris e Cabul, aonde retornou somente em 2002.

Lá, dedica-se a seu outro ofício, o de cineasta, ajudando a formar uma nova geração de profissionais de cinema e televisão. Isso, num país que, além das ruínas e da miséria, sofre com a falta de educação.

"Um dos principais problemas do Afeganistão são as guerras sucessivas que ele sofreu", afirma Rahimi. "Elas destruíram a cultura de seu povo, que é o que lhes identifica. As novas gerações não têm identidade. Não têm mais seus mitos, seu imaginário, nada disso existe mais no Afeganistão. As escolas foram reconstruídas, mas não há professores. São os mulá que ensinam as crianças. E isso é muito perigoso."

Crítica/'Syngué Sabour: Pedra-de-Paciência'

## Temática batida fragiliza obra 'ocidental'

ALBERTO MUSSA  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Em relação à primeira metade do século 20, existe hoje, mesmo proporcionalmente, um número bem maior de autores oriundos de países economicamente periféricos publicando livros nos mercados literários da Europa e da América do Norte.

O dado é positivo. Mas é curioso que não tenha havido um aumento correspondente na quantidade de especialistas nas línguas, literaturas ou culturas dessas nações. A aparente contradição se explica: são escritores do Terceiro Mundo que emigram e fazem carreira na França, Inglaterra ou nos EUA, escrevendo em idioma estrangeiro, embora se atenham a temas étnicos ou nacionais.

Atiq Rahimi é um caso desses. Nascido no Afeganistão e

exilado na França desde os anos 80, escreve em francês. Teve dois livros publicados aqui ("Terra e Cinzas" e "As Mil Casas do Sonho e do Terror", ambientados nas guerras afegãs) e acaba de lançar "Syngué Sabour: Pedra-de-Paciência".

A história se passa no Afeganistão, ou num país muçulmano do Oriente Médio, durante uma guerra civil. Num quarto de uma casa simples, uma mulher é obrigada a cuidar sozinha do marido, que está em coma. Ela se aproveita da circunstância e monologa com o doente.

À medida que a narrativa evolui, a devoção inicial dá lugar ao ressentimento; e ela recorda, num tom de acusação, sua experiência de mulher oprimida pelo pai e pelo marido, com ênfase particular em sua frustrante vida sexual. A denúncia da condição feminina no mundo islâmico parece ser o

objetivo principal da novela.

É uma bela obra, concisa e delicada, com cenas fortes e emocionantes — característica do autor. Merece leitura, por ser um bom livro. Mas deve ser pensado numa perspectiva mais ampla, como objeto do sistema literário em que se insere: o da ficção ocidental.

Como se disse, Rahimi mora em Paris, escreve em francês e faz carreira na França. Pertence, então, à literatura francesa e à do Ocidente — e não à do Afeganistão. O leitor que ele tem em mente são os franceses e demais consumidores dos mercados que traduzem o francês.

É triste constatar que este livro — mesmo sendo uma boa novela — repete o tema de centenas de outros publicados por autores do Oriente Médio, nos EUA e na Europa: a opressão e a frustração sexual da mulher nas sociedades muçulmanas.

Sabemos que a insistência em construir personagens com as mesmas características é o que leva à formação de estereótipos. Nesse sentido, a protagonista de Rahimi é uma personagem estereotipada. Não por ser irreal, mas por ser monotona e semelhante a muitas outras personagens de muitas outras tramas em que a mulher muçulmana é oprimida e infeliz.

No Brasil, reclamamos dos editores estrangeiros que só se interessam por estereótipos de sensualidade e violência urbana. Mas e nós? O que buscamos nos livros do Oriente Médio?

ALBERTO MUSSA é escritor, autor de "Meu Destino é Ser Onça" (Record)

SYNGUÉ SABOUR: PEDRA-DE-PACIÊNCIA

Autor: Atiq Rahimi  
Tradução: Flávia Nascimento  
Editora: Estação Liberdade  
Quanto: R\$ 30 (152 págs.)  
Avaliação: bom

RAHIMI DEBATE COM BERNARDO CARVALHO

Venda de ingressos da Flip começa na segunda, 1º/6



O escritor afegão Atiq Rahimi, convidado da 7ª Flip

>> Atiq Rahimi (1962) é escritor e cineasta afegão radicado na França  
>> "Syngué Sabour: Pedra-de-Paciência" venceu o Prêmio Goncourt 2008  
>> Dele, a Estação Liberdade também já lançou "Terra e Cinzas" (2002) e "As Mil Casas do Sonho e do Terror" (2003)  
>> Ele participa da Flip na sexta-feira, 3/7, às 11h45, quando divide a mesa "O Avesto do Realismo" com o escritor Bernardo Carvalho

**7ª FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATI (FLIP)**  
>> Quando: de 1º a 5 de julho  
>> Quanto: ingressos começam a ser vendidos na segunda-feira, 1º/6, às 10h, pelo site [ingresso rapido.com.br](http://ingresso rapido.com.br), tel. 4003-1212 (nacional) e pontos de venda  
>> Valor: R\$ 10 (Tenda da Matriz) e R\$ 30 (Tenda dos Autores)

Mais informações:  
[flip.org.br](http://flip.org.br)